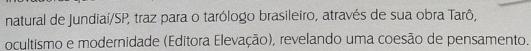
## Caminhos para o autoconhecimento ENTREVISTA Vei Naiff A revolução do tarô no Brasil Análise astrológica do Fórum Social Mundia REPORTAGEM A presença do divino em cada ser Discernimento: reconhecendo os níveis de expressão

## A revolução do Tarô no Brasil

"Há várias formas de se aprender o tarô, mas tarô é tarô e os atributos do Mago, do Eremita, do Sol ou de qualquer outro arcano serão os mesmos em qualquer tarô, independente do aspecto visual, o valor simbólico é sempre igual". Este é um dos conceitos inovadores que Nei Naiff, 43 anos, astrólogo e tarólogo brasileiro,



Naiff é membro da Sociedade Internacional do Tarô (Morton Grove, USA) que promove congressos internacionais sobre o tarô e que reúne os melhores autores e pesquisadores; também é membro da Associação Americana de Tarô (Stonehan, USA) e da Federação Francesa de Tarô (Paris, França).

Você lançou recentemente um livro — Tarô, Ocultismo e Modernidade —, mas antes de falarmos dele vamos a uma pergunta básica: o que é o tarô?

Naiff - O tarô é um conjunto de 78 cartas com simbologia específica que denominamos de "arcano" (segredo, mistério); ele está dividido em dois grupos: 22 arcanos maiores que simbolizam as potencialidades de nosso livre arbítrio e/ou destino e 56 arcanos menores que representam os resultados concretos dessas tendências; os arcanos

maiores se reportam ao mundo das idéias e os menores, ao das formas. O tarô pode ser estudado de várias maneiras — oráculo, autoconhecimento, meditação — e todas ensinam ao homem a responsabilidade de sua vida material e espiritual, condutas e diretrizes a serem tomadas para uma vida melhor; nestes pontos, creio que todas as artes esotéricas têm o mesmo princípio. A grande diferença na prática do tarô e da astrologia consiste em que a astrologia interpreta as tendências da vida, independente do ser humano aceitar ou não



instrumento de formas diferentes; acho que aqui não seria diferente se soubéssemos jogar de forma lúdica.

Você disse que desde o século 14 os europeus utilizam as cartas. Mas não eram proibidos os jogos de tarô?

Naiff - É interessante como vamos acreditando no que nos dizem ou no que lemos eventualmente; eu mesmo, até oito anos atrás, acreditava nisso — que o tarô era uma arte proibida pela Santa Inquisição e escondido nos porões das bibliotecas — e isto se encontra absolutamente errado! Como podia estar escondido se havia tributação fiscal em toda Europa para a sua produção e impressão desde 1583 até 1945? Como podia ser proibido se houve o controle estatal do governo espanhol, português e francês sobre a produção de cartas de tarô entre 1583 a 1811? Sem

contar a profissão de artesão de cartas de tarô que foi oficializada em 1455 na Espanha e Itália, depois em 1594 na França, até os dias atuais. Um dos fatos mais interessantes que descobri foi que em 1751 o rei da França, Luiz XV, ordenou que todas as taxas municipais do território e das colônias francesas provenientes do tarô fossem aplicadas diretamente no fundo da Academia Militar para seu armamento. Bem, com tudo isso, como posso ainda crer na idéia mística e romântica sobre sua proibição? Esta é uma das questões mais polêmicas que descrevo no livro - com farta documentação probatória, fatos e lugares - juntamente com a pseudo origem egípcia e hebraica e de que forma elas se impregnaram no imaginário popular.

Então o tarô era altamente consumido e jogado nesse período?

Naiff - Sim, a história registrada é oposta ao que se diz. O tarô estava tão impregnado na cultura européia que encontramos pinturas de parede (afrescos) de nobres jogando o tarô em muitos castelos italianos; também há óperas, poemas e romances sobre os significados das cartas ou de jogos lúdicos, enfim, tudo o que se possa produzir artisticamente. Alguns tarôs eram tão valiosos por serem pintados a mão, que cons-

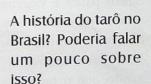
tavam em heranças de famílias; um desses trabalhos está exposto na Biblioteca Pierpont Morgan, em Nova Iorque — o tarô de Visconti-Sforza, que foi pintado para celebrar o casamento de Francesco Sforza e Maria Bianca Visconti em 1441. Fechando a questão da Santa Inquisição e, mais uma vez, deixando claro que o tarô não era um jogo socialmente proibido, vale salientar que as famílias Sforza e Visconti eram as que tinham o maior número de clérigos no norte da Itália, em Milão.

Por que você não levou isto a público antes?

Naiff - Entre os meus alunos dos cursos regulares todos sabem o que é o tarô e sua real dimensão histórica ou simbólica; às vezes, em alguma palestra quando percebo que há pessoas inteligentes ou com a mente aberta para o avanço dos estudos do tarô, eu menciono algo que observei em algum museu ou que tenha estudado em obras estrangeiras; porém, quando percebo pessoas

com idéias rígidas sobre o que aprenderam, eu prefiro me calar para evitar uma discussão inútil; contudo, para o público em geral eu desejava terminar a trilogia sobre os estudos completos de tarô para poder expor o conhecimento adquirido em minhas pesquisas, estudos e o que tenho conseguido com minha experiência prática em mais de 5.000 consultas e 1.100 alunos ao longo desses dez anos. O primeiro livro da trilogia —

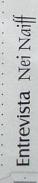
Tarô, Ocultismo e Modernidade -, lançado pela Editora Elevação na 16° Bienal Internacional do Livro em São Paulo, está sendo considerado a maior obra já escrita em nossa língua sobre a estrutura e origens do tarô. O livro revela todos os modernos conceitos simbólicos e filosóficos dos arcanos, inclusive a história do tarô no Brasil.



Naiff - Sim, é a primeira vez que algo é publicado a respeito — quando começou, de que forma foi introduzido o tarô em nosso país —, por exemplo: o Tarô Adivinhatório foi o primeiro conjunto de cartas publicado no Brasil, em 1949, pela editora Pensamento, e o segundo foi o Tarô de Marselha, em 1974, editado pela Revista Planeta. Tive muita dificuldade em levantar nomes e datas, então preferi apenas relatar o que foi publicado ou noticiado na mídia; também, neste capítulo do livro esclareço

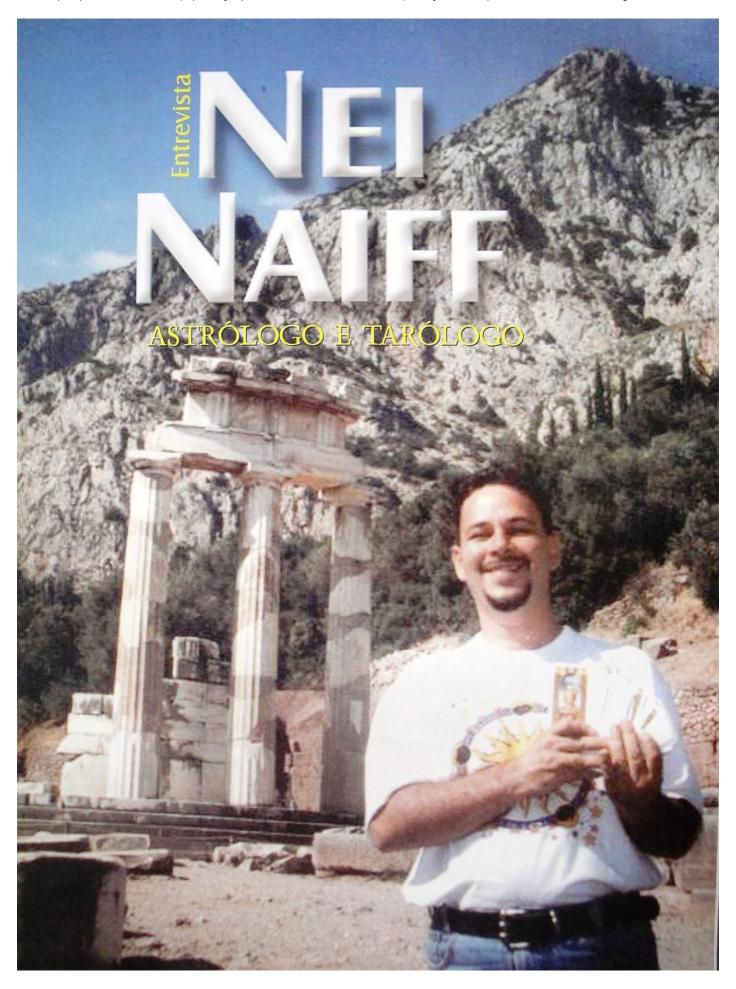


O Tarô Adivinhatório foi o primeiro conjunto de cartas publicado no Brasil, em 1949, e o segundo foi o Tarô de Marselha, em 1974





Portais março/abril 2001 27



teiro! Todas as traduções estavam er-

radas, inclusive a palavra "tarot" que não existe na etimologia egípcia. Tarde demais, os esotéricos e o imaginário popular já haviam comprado a romântica idéia e tudo foi uma bola de neve em compilações até hoje. Vejamos: todos os livros escritos por Etteilla (1782), Julia Orsini (1800), Mlle Le Normand (1810) e Eliphas Lévi (1854) se basearam na obra de Gebelin, que por sua vez foram a base para as obras de Oswald

Wirh (1888) e Papus (1889). Todos os anteriores foram a base para obras de Mac Gregor (1889) e Arthur Waite (1910), que, por sua vez, foram bases para as obras de Paul Case (1927) e Aliester Crowley (1944). Observou a cadeia "hereditária dessa situação precária"? Somente a partir da obra do americano Stuart Kaplan (Enciclopédia do Tarô, 1978), esse conceito mudou no exterior, embora o francês Paul Marteau (1935), a americana Gertrudes Moakley

(1969) e o espanhol Albert Cousté (1975) já tivessem criticado as origens.

## Vamos falar mais um pouco da sua obra. Podia nos falar mais sobre como surgiu?

Naiff - Quando comecei a escrever, em 1992, era para ser apenas um livro, mas à medida que fui viajando trazia cada vez mais material de estudo e, cada vez mais, distanciava-me do que os brasileiros falavam; mas mesmo assim não me considerava pronto para explicar coeren-

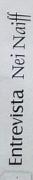
temente sobre o que havia descoberto. Necessitava elaborar melhor os novos conceitos sobre o tarô. Só para se ter uma idéia — hoje temos uma média de 120 títulos sobre o tarô sendo oferecidos nos catálogos das editoras brasileiras contra uma média de 1.100 títulos nos Estados Unidos e 800 na Europa; da mesma forma que temos 15 tipos de cartas de tarôs publicadas contra 500 nos Estados Unidos e 300 na Europa. Assim, pelo volume de infor-

mações inovadoras, resolvi dividir a obra em três volumes — um sobre tarologia (estrutura simbólica, história e autoconhecimento) e dois sobre taromancia (oráculo, conselhos, jogos e estudos avançados). Com as informações contidas neles podemos ter um nivelamento com os outros países e avançarmos mais profundamente no tarô.

Então, o brasileiro não conhece o tarô? Está lendo errado?



Hoje temos uma média de 120 títulos sobre o tarô sendo oferecidos nos catálogos das editoras brasileiras contra uma média de 1.100 títulos nos Estados Unidos e 800 na Europa;





estudou, discutiu, escreveu e produziu tanto sobre o tarô como no século 20 e, especificamente, nos Estados Unidos; seguido de longe pela Espanha, Alemanha, França, Itália, Inglaterra e Suíça, respectivamente. Todas as obras que estudamos no Brasil são americanas, raras as européias e, mesmo na Europa, atualmente, são lidos

mais os tratados americanos do que os produzidos por lá. Já existe um consenso nos Estados Unidos, quase total na Europa e muito pouco no Brasil de que os diferentes tipos de tarôs produzidos são oriundos de uma única estrutura simbólica temos várias formas de se aprender o tarô, mas tarô é tarô; os atributos do Mago, Eremita, Sol ou de qualquer outro arcano será igual em qualquer tarô, podem ter um aspecto

visual diferente, mas o valor simbólico é sempre igual —, este é um dos conceitos inovadores que trago para o tarólogo brasileiro em minha obra, revelo uma coesão de pensamento, não a fragmentação de idéias ou do que se aprendeu. Pela minha prática nesses dez anos de instrução

observei que uma pessoa que aprende somente o tarô Mitológico, o Egípcio, o de Crowley, o de Marselha ou qualquer outro específico não consegue desenvolver leituras em outros tarôs; ficam limitadas a um único simbolismo e linguagem, pensando que tem que fazer um curso de cada tipo de tarô. As cartas de tarô e a for-

ma de estudo são uma questão de gosto ou crença pessoal, não de melhor intuição, sintonia espiritual ou mais atual. Depois que adotei esses conceitos em minhas aulas, desde 1993, passei a ensinar a estrutura simbólica do tarô que permite ao aluno jogar e entender qualquer tipo de carta, identificar o que é ou não um verdadeiro tarô, porque um determinado autor incluiu

um símbolo supostamente diferente no arcano ou o explicou de forma não usual. Enfim, não deixo meus alunos limitados a uma única expressão simbólica; abro suas mentes para o universo incomensurável da simbologia dos arcanos; eu ensino o tarô, formo tarólogos.



Há um consenso nos Estados Unidos, quase total na Europa e muito pouco no Brasil de que os diferentes tipos de tarôs produzidos são oriundos de uma única estrutura simbólica